

PARTIDOS...

REPARTIDOS

16.X Raul Pilla 1955

FALA-SE em reorganização partidária. Um dos nossos mais brilhantes cronistas políticos apresenta-a como a grande necessidade que a recente campanha política fez ressaltar. «Que resta — pergunta ele — de cada partido vitorioso ou derrotado? Praticamente, bancadas federais, apenas, a se agruparem em torno da futura presidência da República, como se agrupavam, no passado, em torno do mesmo Catete de águias acolhedoras». É necessário extinguir partidos, principalmente esse mundo de pequenos partidos sem «consistência e até sem finalidade», e substituí-los por agrupamentos novos.

Ora, que a nossa vida partidária está longe de satisfatória, não há quem o possa negar, e o está, não tanto pela proliferação de partidos pequenos, como pela carência de partidos verdadeiros. Mas não é provável que se remedeie o mal, refundindo simplesmente os partidos existentes. Os que resultarem da operação ortopédica apresentarão quase inevitavelmente as mesmas falhas. É que o mal dos partidos não está essencialmente neles, senão no sistema político que eles devem servir e, por sua vez, os condiciona.

Na realidade, vãs serão as tentativas para formar verdadeiros partidos, enquanto tivermos o regime presidencial. O funcionamento deste não requer partidos ideologicamente constituídos, como são os partidos europeus. Antes os dispensa, pois outro papel não têm os partidos, senão eleger. São organizações meramente eleitorais. Explica-se, dest'arte, que cada pleito presidencial acarrete uma verdadeira desagregação partidária, porquanto tudo se reduz a uma questão de candidatos aos postos de governo. Assim, cada candidato à presidência da República torna-se um centro de atração de elementos políticos e, portanto, fator de desagregação dos partidos. Como se isto não bastasse, realizado o pleito, nova polarização se faz em torno do presidente eleito. Disto resulta que os partidos políticos no presidencialismo não têm nenhuma força de coesão e ficam sempre na dependência de interesses meramente eleitorais.

No sistema parlamentar, muda inteiramente a situação. O seu próprio funcionamento exige partidos que, mais do que simplesmente eletivos, sejam representativos, isto é, expressem idéias, princípios e soluções, e, por isto mesmo que os exige, lhes oferece condições de desenvolvimento. Explica isto o caráter fundamentalmente diverso dos partidos na Europa, onde vigora o sistema parlamentar, e dos partidos na América, onde se exerce o sistema presidencial.

Assim, pouco adiantará a proposta reorganização partidária, se não mudarmos o regime político. E a melhor prova disto é a maneira como se pretende fazê-la de um lado, em torno de Juarez Távora, de outro, em torno de Juscelino Kubitschek, isto é, em função dos principais candidatos na recente campanha presidencial. Partido para apoiar o presidente eleito, de um lado; partido para o combater, de outro.

Começemos por substituir o sistema político, se quisermos ter verdadeiros partidos.